

sobre o medo

No começo foi tudo como planejado, nadei tranquilamente até a ilha que ficava a cerca de 1km da costa, parecia mais um pedaço de pedra ou barco quebrado do que propriamente ilha. O plano era simples, passar 3 dias *ilhado* nessa pedra escrevendo as minhas memórias, numa busca por uma espécie de cosmos pessoal onde a coragem estaria na confrontação comigo mesmo, lidar com o meu passado em tempo real; em um lugar sem fuga, uma espécie de armadilha onde tudo aquilo que quisesse esquecer viesse a minha face tomando forma de letras e palavras nos papéis que mais tarde se tornariam ilha. Sim após os dias de escritura colaria os papéis sobre a rocha, *envelopando* toda a superfície da ilha, fazendo dela espaço e memória; ideia essa que tinha, durante um bom tempo, sido desenvolvida com meu amigo Gabriel e que possuía o simbólico peso dos anos vividos, da fascinação pelo Cristo e das respostas e das perguntas encontradas; passei o quente dia de ontem escrevendo, sem sombra nem vento, papel pós memória pós papel, e organizei tudo, assisti o sol descer no mar, vivo vivo. Com a chegada da noite comecei a dormir e fui acordado com o vento forte, me mudei para um lugar mais protegido e mais baixo. Mais tarde fui de novo, agora de uma vez por todas, acordado. Começava então as longas 8 horas em que a pedra negava a água, e que uma espécie homem-craca, sem bóia nem beira, se arrastava com a espuma; eu me agarrava as pedras como quem agarra um ovo que escorre entre os dedos, as ondas enormes ficaram cada vez mais forte, no início perdi o plástico que usava para me proteger, em seguida a camisa, a calça, as havaianas, e mais tarde o saco que continham as minhas memórias, enfim, tudo que tinha foi para o nada e não voltou com ondas. A chuva caía com força e com o tempo conseguia reconhecer o tamanho da onda que me cobria pelo barulho que fazia ao bater na rocha. Mudei para um lugar mais alto mas com muito vento, o frio era agora, assim como a sede provocada pela água salgada bebida, um companheiro, tentava me lembrar dos programas de TV que mostravam militares controlando o frio, pensava o tempo todo se deveria me lançar em alto mar e abandonar a ilha, pensava no Turner se amarrando nos barcos para sentir as grandes ondas que mais tarde pintaria, pensei em Bas Jan Ader, Slocum, Eddie Aikau perdidos no meio do mar, no meio do nada sem rumo nem borda, pensei na minha mãe, nos jovens que não nasceram e que gostaria de ajudar, vi todo aquilo que viria a ser embora com a próxima onda. BUM... onda enorme que me arrasta pelas pedras, agora além do frio maldito, um maldito corte no braço, medo, medo, medo vá embora por favor, dizia eu, todos nos adoraríamos poder controlar o medo, senti que se não o controlasse - ele - assim como as ondas me levaria, olho para o mar e não vejo a *terra* que estava antes ao meu lado, a tempestade tinha

acabado com a energia elétrica, lembrei naquela hora de Hero e Leandro, quando a vela dela apaga e Leandro confuso por não ver luz alguma, nada em direção ao alto mar. Pensei que talvez demorassem muito a achar o meu corpo com aquelas ondas, imaginava os amores que não teria e que gostaria de viver... será que eles(as) sentiriam falta de algo imaginado? Pensei em todo aquele ser tinha sido e poderia vir a ser, nas pessoas, nas palavras e nos lugares, nas explicações que ainda me faltavam.

O dia finalmente amanhece e com ele crescem as ondas (pensava eu justamente o contrario), posso agora ver aquilo que me bate e me atravessa, não sei se melhor ou pior, pois uma vez que só se escuta e sobrevive a batida, imaginamos algo muito menor do que de fato é. Montanhas enormes eram elas, todas, entre o deslumbramento e o medo, largo uma das mãos e pego a camera, buscando suspender aquele instante; com a força do vento andávamos eu e essa pedra-barco, cruzávamos parados a imensidão, onda após onda, atravessando o vasto, sem vela nem mastro, deixando para trás a terra, os objetos e as memórias, tinha finalmente me tornado aquele outro que queria, uma espécie de craca que participava, vivia e sobrevivia a tudo aquilo, por um instante, o hostil virara casa, o tempo parecia se acalmar e as coisas todas tinham chegado a uma estranha resposta, imerso e sereno, parado contemplo, o viver daquilo tudo. BUMMMM... sou jogado contra a pedra, perco meus óculos e a definição de todas as imagens que me cercavam, tenho agora a vida fora de foco a mão/ombro/tórax/perna em carne viva, não aguentava mais o medo, os braços e os dedos já doíam muito e num ato final pulo no mar, com um pequeno saco que continha um telephone (agora quebrado), uma camera, que mais tarde descobriria ter gravado o som desse caos, e a simbólica caneta que usei para escrever as memórias; segurava agora com força a ferramenta que grafou o meu passado, perco ela na primeira onda, começo a nadar no meio das grandes ondas do mar aberto, numa espécie de maquina de lavar sem-termino, bebo muita agua e vejo o quão minúsculo de fato sou, depois de muito tempo chego a praia, com o corpo coberto de sangue e sal. Comecei a caminhar em direção a casa, era muito cedo e não tinha ninguém na rua, tentei umas caronas e tomei chuva fria. Chego depois de 2 horas a pé, mais tarde os moradores me disseram que tinha sido uma grande tempestade com terremotos, tomei um banho, bebi agua e escrevi esse texto da memória da quase-obra que falava das memórias, ouvi no dia seguinte o audio capturado ao acaso,

o som do mar que salva e mata, da ilha, do naufragio, do encalho,
da vida e da quase morte.